



OS DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA: Para que filosofia no Ensino Médio?

João Ferreira da Páscoa Filho

Mestre em Educação pela UFMA

Docente da Semed – Bacabal-MA

joaoferreiradapascoafilhof@gmail.com

RESUMO

OS DESAFIOS DO ENSINO DE FILOSOFIA: Para que filosofia no Ensino Médio? É resultado de uma das subseções que está inserida em minha Dissertação de Mestrado que tem como principal foco de discussão problematizar o ensino de filosofia no ensino médio público. Nesta discussão, trazemos alguns desafios que há muito rondam o ensino de filosofia, entre eles, a constante inclusão e exclusão do ensino de filosofia do currículo escolar da educação básica no decorrer da história educacional brasileira, entre outros desafios. Para nos ajudar nesta travessia, consultamos alguns aportes teóricos que fazem menção e reflexões acerca da temática em discussão. Entre eles, destacam-se: Gallo (2012); Murcho (2002); Alves (2002); Incontri e Bigheto (2012); Rodrigo (2009); Cesar (2012); Nascimento (2021), entre outros, que aparecerão no corpo do texto. A discussão acerca da temática tem como objetivos: Discutir acerca dos desafios que vem rondando o ensino de filosofia na educação básica, especificamente, no ensino médio; Refletir sobre as possíveis contribuições do ensino de filosofia ao ensino médio. Usamos como caminho para a fundamentação teórica da temática a revisão de literatura. É uma temática que merece ser dada a devida importância, pois neste momento em que se encontra o ensino de filosofia, muitos dos desafios, outrora enfrentados, continuam persistindo e merecendo que essa discussão seja atualizada e ampliada.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino Médio. Desafios. Importância



1 INTRODUÇÃO

Responder a pergunta acerca do subtítulo do texto acima, para que filosofia no ensino médio?, sempre foi uma questão de responder o óbvio, pois em todo esse tempo de tentativas de silenciar a filosofia e seu ensino, tais argumentos nunca conseguiram convencer de fato aqueles que desejam a busca pelo conhecimento e a amizade pela sabedoria.

Para tentar responder as expectativas do tema proposto, trilhamos dois caminhos: No primeiro, abordaremos questões que se relacionam com desafios que vem dificultando no decorrer da história educacional brasileira o ensino de filosofia.

No segundo, trazemos posicionamentos e reflexões a respeito das razões da importância da presença do componente curricular filosofia no ensino médio.

A discussão acerca da temática tem como objetivos: Discutir acerca dos desafios que vem rondando o ensino de filosofia na educação básica, especificamente, no ensino médio; e refletir sobre as possíveis contribuições do ensino de filosofia ao ensino médio.

Usamos como caminho metodológico para alcançar os objetivos propostos, a revisão de literatura, que nos favoreceu o contato com os aportes teóricos ligados diretamente a temática proposta e que aparecem no corpo do texto.

2 O ENSINO DE FILOSOFIA: entre o processo formativo e outros desafios

A partir de 1980, a sociedade brasileira vem passando por um processo político-sócio-cultural conhecido como redemocratização, no qual parcelas da estrutura social, camadas populares que antes não eram contempladas no seio da sociedade com direitos garantidos, agora passam a experimentar tal sensação.

A instituição escolar também é afetada por essas mudanças. Até a década de 1970, o ensino secundário absorvia em sua maioria as camadas mais abastadas da sociedade, entre elas, destacam-se a classe média e a elite que por essa razão tinham uma relação mais próxima com a filosofia.

Acerca da questão levantada, enfatiza Rodrigues (2012), que

A concepção de Filosofia difundida na educação escolar brasileira historicamente esteve ligada a saberes abstratos e racionalistas,



ligados à formação das elites. [...] No Brasil Colônia, o ensino de Filosofia foi ofertado em reduzido número de Colégios, onde a escolástica era a base do ensino, pela vinculação religiosa dos jesuítas, responsáveis pela educação à época. Até meados do século XX, essa modalidade do ensino da Filosofia esteve presente na escola brasileira, com fortes repercussões nos currículos. Com a Reforma Capanema, em 1942, torna-se obrigatório o ensino da Filosofia, de modo especial nas escolas religiosas, que atendiam às elites sociais e econômicas do país (RODRIGUES, 2012, p. 63).

Com o limiar de um novo cenário, classes como a trabalhadora e a popular, passam a ser incluídas no ensino secundário de maneira considerável. De acordo com Rodrigo (2009), ocorre um movimento chamado de “massificação”. Processo pelo qual camadas da sociedade que antes estavam fora da escola, têm agora a oportunidade de adentrá-la.

No entanto, não se trata de uma justaposição. Tal mudança requer também reflexões ao nível educativo, formativo, disciplinar e didático-metodológico, envolvendo diretamente o ensino filosófico. Propiciando uma ampla discussão que abre espaço a outros campos do saber que podem dar contribuições valiosas, pois o público do ensino médio e o cenário, agora são outros, carregam consigo, desafios e limitações.

Acrescenta ainda Rodrigo (2009) que,

Até meados de 1970, a filosofia era ministrada em uma escola secundária elitizada. Nessas três décadas em que esteve total ou parcialmente ausente, o ensino médio passou por um processo de massificação crescente, incorporando estratos sociais menos privilegiados, que antes não tinham acesso a ele, uma clientela muito diversa da anterior: em sua maioria encontra-se em escolas públicas com precária qualidade de ensino, sendo portadora de graves deficiências educativas, tanto do ponto de vista linguístico como em relação a referências culturais de caráter mais amplo (RODRIGO, 2009, p. 01).

Colaborando com o assunto, comenta Ceppas (2010) que,

Da década de 1970 (quando a filosofia parou de ser ensinada na maioria dos colégios de nível secundário do país) a 2008 (ano em que foi aprovada a lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino disciplinar da filosofia em todo território nacional), o Brasil passou por um processo de modernização das forças produtivas – do milagre brasileiro à globalização da economia – que transformou de modo radical nossa sociedade, a cultura e a educação. No intuito de recortar aqueles aspectos que, dos jesuítas aos dias de hoje, nos parecem mais significativos para repensar o ensino de filosofia e suas finalidades no Ensino Médio, precisamos indicar o eixo problemático que nos serve



de pano de fundo, qual seja: o fato de que a estabilidade econômica e a quase universalização do Ensino Fundamental, recentemente alcançadas, convivem com níveis inaceitáveis de desigualdade social, condições de vida e aproveitamento escolar. Apesar de todas as conquistas democráticas, econômicas e sociais, é como se mudássemos tudo para continuar como estava (CEPPAS, 2010, p. 171-172).

O ensino de filosofia no decorrer da história educacional esteve imerso em desafios. Sempre foram encontrados falsos motivos para barrar suas atividades, seus exercícios voltados para o processo educativo.

Dentro do currículo, aliado ao contexto político e econômico, o ensino de filosofia sempre foi visto como complementação de carga horária de outras disciplinas, sendo seus conteúdos lecionados sem muito critério, rigor ou domínio. Com uma carga horária que pouco permite ao profissional desta área realizar um trabalho que seja consolidado com qualidade. Sendo visto como aquele ensino que não serve aos objetivos financeiros, aos fins econômicos ou mesmo como ineficiente qualificador de mão-de-obra voltada para o mercado de trabalho.

A filosofia e seu ensino vêm sofrendo oscilações: ora presente, ora ausente do currículo oficial, relacionado diretamente a questões de ordem política. Especificamente, políticas de governo. Acrescenta Rodrigo (2009), que pelo fato de a filosofia ter passado um longo tempo excluída do currículo oficial, tornou sua inserção no Ensino Médio prejudicada.

Acerca do mencionado, enfatiza Vizzotto (2019), que

Atualmente, nós, professores de Filosofia, que atuamos no contexto da escola de ensino médio, temos encontrado dificuldades em trabalhar a Filosofia enquanto disciplina do currículo, pois, além da mesma ter sido, por longo período, negada enquanto parte do elenco das disciplinas obrigatórias, acresce a essa situação, a inexistência de uma cultura de apreço e interesse por esta área de saber. Em decorrência, o que se percebe é a afirmação de que a mesma, em muitos momentos, é entendida como atividade de ensino monótona, “chata” e sem utilidade prática para a vida. A atividade filosófica demanda leitura atenta, paciência, interpretação, concentração, reflexão, problematização, produção conceitual, e ao mesmo tempo, sabemos que o que subjaz a cultura contemporânea geralmente nos encaminha para o sentido oposto, ou seja, velocidade e superficialidade das informações e da comunicação (VIZZOTTO, 2019, p. 101).

Outro desafio que se coloca diante do ensino de filosofia está no processo formativo. As universidades ainda têm dificuldades em separar uma formação para o



professor de filosofia que atue na educação básica e para o pesquisador em filosofia. Em sua grande maioria formam pesquisadores, especialistas e não profissionais que atuem com sucesso na educação básica.

Acerca da formação universitária destacam Pedro e Perez (2012) que,

As faculdades de Filosofia formam poucos profissionais e muitos não têm a intenção de trabalhar em sala de aula. Professores de outras disciplinas estão ministrando as aulas de Filosofia no Ensino Médio. Quando isso acontece, a tendência é trabalhar mais a história da Filosofia e alguns conceitos do que propriamente dar elementos aos estudantes para a formação do espírito crítico (PEDRO; PEREZ, 2012, p. 7).

De acordo com Nobre e Terra (2007), é preciso pensar o ensino de filosofia tanto na universidade quanto no ensino médio de forma integrada, ligada a cultura, de forma interdisciplinar com outros campos do conhecimento. Somente dessa forma a filosofia e seu ensino poderão superar o “tédio” e a “indiferença”.

Os documentos oficiais já vêm a algum tempo discutindo a problemática da formação do profissional de filosofia voltado, especificamente, para o nível médio. As OCNs (Orientações Curriculares Nacionais) para o Ensino Médio afirmam que:

[...] Ademais, pensar a disciplina Filosofia no ensino médio exige também uma discussão sobre os cursos de graduação em Filosofia, que preparam os futuros profissionais, e da pesquisa filosófica em geral, uma vez que, especialmente nessa disciplina, não se pode dissociá-la do ensino, da produção filosófica e da transmissão do conhecimento (BRASIL, 2016, p. 16).

Acrescenta Gallo (2012), acerca da formação filosófica, partir de sua própria experiência anterior como universitário que,

O problema consiste no fato de que os filósofos dão pouca ou nenhuma importância à questão do ensino. Os cursos preocupam-se em ensinar filosofia, transmitir o legado de sua história, às vezes preparando o pesquisador especializado nesse campo” (GALLO, 2012, p. 11-12).

Para Nobre e Terra (2007), é importante que a formação universitária venha a colaborar com esse outro profissional que não atuará somente como pesquisador, mas será essa ponte na Educação Básica entre os pressupostos filosóficos e o estudante.



Na opinião de Guimarães (2010), é provável que a formação do profissional licenciado em filosofia que não é nem especialista nem pesquisador, exija da formação questões mais complexas, pois

Talvez a formação do docente de EM seja até mais difícil que a formação do pesquisador. Porque ele precisa ser capaz de realizar esta ponte, digamos, entre esta tradição, na qual se espera que seja o mais bem formado possível, que ele tenha condições de continuar se formando, mas fazer a ponte desta tradição com a experiência, as questões, as ansiedades, as angústias dos adolescentes, que são o seu público, não é fácil, de fato (GUIMARÃES, 2010, p. 34).

A questão nuclear aqui é que o ensino de filosofia na educação média tem suas especificidades, e não pode ser simplesmente a transposição do ensino universitário simplificado e/ou diminuído.

Ainda sobre o assunto acerca do processo formativo, comenta Nascimento (2021), que “a cada dois professores que lecionam filosofia no Brasil inteiro, um não é da área específica”. Essa afirmação demonstra uma grande lacuna quanto a formação do professor de filosofia voltado para a Educação Básica e o espaço que o professor desta área específica tem perdido no decorrer do tempo.

Em relação a questão, destaca Gomes (2017), que

Uma matéria publicada recentemente pela *Folha de S. Paulo*, no dia 23/01/2017, aponta que “quase 50% dos professores não têm formação na matéria que ensinam”. Os dados do censo escolar de 2015 indicam que 46% dos docentes do Ensino Médio no Brasil ministram aulas sem graduação específica na matéria que lecionam. A disciplina de filosofia ocupa o segundo pior índice do *Ranking*, com apenas 23% dos professores formados na área. Os números são preocupantes, tanto em termos de questionamento sobre a qualidade das aulas de filosofia no Ensino Médio, ministradas por professores leigos, quanto em relação à evidente situação de desvalorização do profissional e da área de filosofia, que parece não ter mais sentido ou espaço de atuação na formação de professores, crianças e jovens. Afinal, para que filosofia na educação? (GOMES, 2017, p. 118-119).

Neste sentido, é importante para que o ensino de filosofia possa contribuir com a formação dos estudantes do ensino médio, seja ministrado por docentes formados e licenciados especificamente neste componente curricular, pois, terão um maior preparo para trabalhar uma série de conteúdos e indagações filosóficas que serão apresentadas aos discentes e que os discentes apresentarão aos docentes. O professor formado no curso de filosofia deverá estar preparado para desenvolver com os alunos um



pensamento crítico, dando-lhes espaço para construir raciocínios, dialogar acerca de ideias e de construir um pensamento que leve a autonomia sobre as teorias e os problemas a eles propostos e, ainda desenvolver seus textos individuais.

Acompanhamos em 2008, após uma ampla discussão no Congresso Nacional e noticiada pela mídia, a reinserção da disciplina filosofia no rol daquelas que passariam naquele momento, após ser sancionada pelo Presidente da República, a caráter de obrigatoriedade no Ensino Médio. No entanto, muita coisa havia mudado desde 1971, quando a filosofia e seu ensino, por força de lei passou a vigorar no nível médio como disciplina optativa. De 2008 a 2021, já se passaram treze anos. O que tem sido feito nesse meio tempo em sala de aula para aproximar o aluno dos pressupostos filosóficos? Que metodologia tem sido praticada?

Estas indagações não são fáceis de serem respondidas, mesmo porque é encontrado no país um número restrito de pesquisas sobre essa temática. Pouco a respeito de metodologias propriamente filosóficas tem sido foco de pesquisas e reflexões ao nível da formação de professores em filosofia. E muito menos em relação às pesquisas voltadas para o conhecimento das metodologias que vem sendo praticadas no Ensino Médio durante esse tempo.

Tendo em vista está problemática comenta Perencin (2017),

Constatei a escassa produção sobre o ensino de filosofia por parte dos pesquisadores brasileiros à medida que nem um por cento dos artigos e/ou textos analisados nos 16 periódicos dedicou-se a discutir a temática em questão. Da revisão dos mais relevantes periódicos de Filosofia, de Educação e de Educação e Filosofia em circulação no Brasil, que totalizaram 9242 artigos e/ou textos revisitados, apenas 64 – 0,69% da produção geral – traziam por tema o ensino de filosofia com seus diferentes enfoques e deste número geral, apenas 40 – 0,43% da produção geral – tratavam-no com vistas às problemáticas brasileiras (PERENCIN, 2017, p. 35).

Mesmo não tendo encontrado um número significativo de pesquisas a respeito do ensino de filosofia, é perceptível a constatação de problemas que se relacionam com ela e seu ensino, pois o estudante do Ensino Médio, de forma geral, tem muita dificuldade em se relacionar com os pressupostos filosóficos. Da mesma forma, os professores de filosofia deste nível de ensino também sentem muita dificuldade em realizar seu ofício.



3 PARA QUE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO?

Como vimos, a inclusão de forma integral e autônoma da filosofia e seu ensino na educação básica tem sido um grande desafio, pois quando foi reinserida no currículo na LDB 9394/96, com caráter “disciplinar” e obrigatória em 2008, pensava-se que nesse momento a filosofia e seu ensino teriam autonomia e seria reconhecida sua importância para a construção das bases de um sujeito e uma sociedade firmados em valores democráticos, entretanto, o que se viu foi a diluição destas conquistas apresentadas na BNCC.

Acerca da problemática supracitada, assevera Gallo (2012), que

A presença da filosofia na escola não é um empreendimento tranquilo. Muitos são os obstáculos a serem superados para que essa presença seja possível; sobretudo porque, quando uma instituição opta por incluir filosofia em seu currículo ou quando uma política educacional dispõe sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma certa filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia. Dizendo de outra maneira, quando está na escola, a filosofia ali está para atender a determinados interesses, para cumprir uma necessidade “ideológica”. Como, por exemplo, no caso brasileiro contemporâneo, que explicita suas intenções na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (GALLO, 2012, p. 27)

Então, agora, se faz necessário que a filosofia enfatize sua importância e necessidade mais uma vez perante o “mais do mesmo”, de um currículo que se traduz em conservadorismo e negação da diferença.

Os documentos oficiais como as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), enfatizam a importância do ensino de filosofia no nível médio afirmando que,

O objetivo da disciplina Filosofia não é apenas propiciar ao aluno um mero enriquecimento intelectual. Ela é parte de uma proposta de ensino que pretende desenvolver no aluno a capacidade para responder, lançando mão dos conhecimentos adquiridos, as questões advindas das mais variadas situações. Essa capacidade de resposta deve ultrapassar a mera repetição de informações adquiridas, mas, ao mesmo tempo, apoiar-se em conhecimentos prévios. Por exemplo, caberia não apenas compreender ciências, letras e artes, mas, de modo mais preciso, seu significado, além de desenvolver competências comunicativas intimamente associadas à argumentação. Ademais,



sendo a formação geral o objetivo e a condição anterior até mesmo ao ensino profissionalizante, o ensino médio deve tornar-se a etapa final de uma educação de caráter geral, na qual antes se desenvolvem competências do que se memorizam conteúdos. (BRASIL, 2006, p. 29)

A filosofia se faz importante neste nível de ensino por vários motivos. Entre eles destaca-se sua capacidade de construir com os estudantes a criticidade acerca do mundo, da realidade. Desvelando outros mundos possíveis, desconstruindo e reconstruindo valores.

Acerca da temática levantada, comenta Cesar (2012), que

[...] o ensino de Filosofia mostra-se ainda mais importante, pois os alunos do ensino médio encontram-se em um momento de consolidação de suas personalidades, de muitas dúvidas e anseios, e a Filosofia possibilita que o jovem possa buscar a compreensão do que se passa em sua realidade, possibilitando também na percepção de si. A filosofia, entre outras coisas, desenvolve “habilidades de pensamento”, que proporciona ao aluno argumentar melhor, analisar questões, enfim, desenvolver um pensamento crítico. No entanto, não é responsabilidade exclusiva da Filosofia desenvolver no aluno uma consciência crítica, seria muita pretensão afirmar isto. Todas as outras disciplinas têm a mesma responsabilidade. A consciência crítica não é algo que se “deposita” no aluno, ela se desenvolve e isso leva um determinado tempo; em três anos (duração do ensino médio hoje) provavelmente o aluno não sairá da escola “completo”, totalmente crítico, autônomo, mas ele estará no caminho para isto. O ideal seria que essa iniciativa de formar consciências críticas fosse, efetivamente, aplicada em todas as etapas da educação. (CESAR, 2012, p. 10-11)

A pergunta por que ensinar filosofia no ensino médio é precedida por outra: o que seria esse ensinar filosofia? Acerca desta assertiva Gallo (2012), assevera que,

Em suma, ensinar filosofia é um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo que anunciava Nietzsche; é um exercício de acesso a questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito na aventura que é ensinar filosofia, e também aprender filosofia. (GALLO, 2012, p. 45).

Segundo Cotrim (1988), a filosofia exerce na educação e nas escolas uma função importante, pois a partir dos pressupostos filosóficos pode-se,



Desenvolver no estudante o senso crítico, que implica a superação das concepções ingênuas e superficiais sobre os homens, a sociedade e a natureza, concepções estas forjadas pela “ideologia” social dominante. Para isso, é necessário que o ensino da Filosofia estimule o desenvolvimento da reflexão do estudante e forneça-lhe um conjunto de informações sobre reflexões já desenvolvidas na história do pensamento filosófico. O resultado desse processo é a ampliação da consciência reflexiva do estudante, voltada para dois setores fundamentais: * a consciência de si mesmo: crítica de si próprio enquanto pessoa e de seu papel individual e social (autocrítica); * a consciência do mundo: compreensão do mundo natural e social e de suas possibilidades de mudança. (COTRIM, 1988, p. 19).

Para Desiderio Murcho (2002), a Filosofia e o exercício filosófico são um conhecimento, campo de saber que ajuda, colabora com a construção do desenvolvimento do pensamento voltado para a autonomia.

Para Alves (2002), a filosofia se faz importante no Ensino Médio em razão de sua capacidade de construir com o aluno formas efetivas destas agirem na realidade, transformando-a, na medida em que também são transformados.

O jovem do ensino médio é aquele que está a sofrer várias influências. A carga de deveres para com a sociedade é imensa. O que quero ser? Que curso superior escolher? Expectativas pelo primeiro emprego, alimentadas pelo círculo familiar e social.

Neste sentido, a filosofia vem como conhecimento norteador para tais questionamentos que ocorre através de análise, reflexão e postura crítica. Esses passos realizados permitem ao estudante do ensino médio perguntar por questões como: Em que sociedade estamos vivendo? O que ela exige de mim? E por que? Por que escolho esse curso em detrimento de outro? Por que a formação profissional e técnica estão acima da formação integral, humana?

O ensino de filosofia deve se aproximar cada vez mais da vida cotidiana dos jovens, seus desafios, das questões que lhe afetam.

Para Greter (2010), a filosofia tem um papel fundamental para a transformação, construção de uma sociedade alicerçada em dimensões reflexivas e críticas, muito além do mercado de trabalho.

Ainda dentro do assunto, acerca da importância da filosofia para o processo educativo, Gomes (2017), comenta que a filosofia é extremamente importante para o atual cenário, se faz necessária, inclusive nos espaços escolares. Justifica sua fala em uma matéria publicada no Jornal britânico *The Guardian* com o título “A filosofia pode ensinar o que o Google não pode”, onde comenta que:



Em um mundo onde o conhecimento é cada vez mais restrito, as habilidades e a confiança para percorrer disciplinas será recompensada. Precisaremos de pessoas que estejam preparadas para perguntar e responder às perguntas que não são encontradas no Google, como: Quais são as ramificações éticas das automações das máquinas? Quais são as consequências políticas do desemprego em massa? Como devemos distribuir a riqueza em uma sociedade digitalizada? Como sociedade nós precisaremos estar mais familiarizados com a Filosofia para discutirmos tais questões. (GOMES, 2017, p. 119)

Para Valério (2010), mesmo a filosofia competindo com outros veículos de informação nestes tempos, não inviabiliza sua função formativa no ensino médio, logo

O ensino filosófico tem o papel principal de voltar-se para as novas realidades, ligar-se ao mundo econômico, político, cultural e ser um baluarte contra a exclusão social. Mesmo considerando a imensa oferta dos meios de comunicação social extraescola, de meios informacionais, ainda assim há lugar para o ensino da Filosofia na e para sociedade, pois esse ocupa funções que não são providas por nenhuma outra instância; trata-se de uma síntese entre a cultura experienciada que acontece na cidade, nos pontos de encontro, nos meios de comunicação, na família, no trabalho etc. O ensino filosófico é uma continuação do desenvolvimento das competências cognitivas, pois o discente é orientado a desenvolver o seu senso crítico e a interpretar a informação que recebe diariamente. O significado da educação filosófica é singular. Seu papel na vida do ser humano é único, pois é responsável por formar um cidadão trabalhador capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para integrar o mercado de trabalho. É uma educação que ajuda o ser humano a transformar-se num sujeito pensante, de modo que aprenda a utilizar seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos, habilidades, atitudes, valores, etc. (VALÉRIO, 2010, p. 05)

Os parâmetros Curriculares Nacionais (PCNEM) publicados em 2008, na parte de filosofia, enfatizam as competências e habilidades que os estudantes desse nível de ensino devem desenvolver, demonstrando assim, a importância do componente filosofia dentro do currículo do ensino médio:

- Ler os textos filosóficos de modo significativo;
- Ler de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros;
- Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais;



- Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica;
- Elaborar, por escrito, o que foi apropriado de modo reflexivo;
- Debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais consistentes. (BRASIL, 1996, p. 64)

É preciso que haja como critérios de melhoria para a filosofia e seu ensino, além dos já citados, que ela seja vista como uma disciplina específica nas escolas e com seus respectivos profissionais licenciados especificamente na área.

Para os autores Mattar, Tomazetti e Danelon (2013), mesmo com uma presença inconstante no currículo da educação brasileira, a filosofia permanece por um legado que vem ajudando o mundo e as gerações mais novas a situar-se no mundo em relação consigo e com outros.

De acordo com Valério (2010):

É importante que se tenha a percepção de que conhecer quer dizer estabelecer o significado do mundo. Entende-se que a educação filosófica tem essa função, isto é, a função de formar pessoas para ter ou passar a ter o significado da realidade. Quem é educacionalmente formado, pode ter uma visão universal de si mesmo, dos outros e da própria educação. Pergunta-se muito sobre o sentido da vida. Com a educação filosófica se pode ter uma visão mais ampla desse sentido. Daí, a ideia da indispensabilidade da educação filosófica no ensino médio. (VALÉRIO, 2010, p. 5-6)

Sustenta Alves (2002), que a filosofia se justifica no ensino médio, a partir também do que está escrito na LDB 9394/96:

De acordo com os objetivos e fins atribuídos à educação básica na nova LDB (art. 22), dentre as muitas atribuições conferidas a esse nível de ensino uma delas é estar em consonância com a demanda atual do mercado de trabalho (art. 35, inciso II); a outra é garantir 'o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico' (art. 35, inciso III). Isso implica, segundo as novas diretrizes, possibilitar ao educando, sobretudo da escola pública, a construção de competências e habilidades necessárias à sua formação. (ALVES, 2002, p. 110-111).

Ressaltam os autores Incontri e Bigheto (2009), sobre a importância da educação filosófica, na educação básica, citando o Ensino Médio, que é necessário que se tenha o



cuidado de usar das mais atraentes metodologias, tentando dessa forma, aproximar o cotidiano dos estudantes dos pressupostos filosóficos na perspectiva de construir reflexões filosóficas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que trata a filosofia e seu ensino, sempre foi vista por uma parte da sociedade a partir de um olhar de desconfiança. Podemos perceber tal diagnóstico desde a condenação de Sócrates, em diálogos específicos de Platão (2002), como em sua obra **Apologia de Sócrates**, onde relata a condenação de Sócrates, um dos mais famosos filósofos de sua época – a clássica - que foi “convidado” a tomar um cálice de veneno. Ali, um dos argumentos fundamentais de sua condenação foi o de que os ensinamentos filosóficos repassados por Sócrates estariam corrompendo a juventude grega/ateniense.

De lá para cá, de uma forma sorrateira e perspicaz, esse mesmo argumento travestido de outros dizeres vem sendo transmitido a posteridade, e sendo usado como instrumento ou recurso para esse objetivo, o currículo.

Como vimos no corpo do texto, muitos desafios vem ofuscando o ensino de filosofia na educação nacional, no entanto, vimos também vozes importantes, porta-vozes que falam em favor da filosofia, mais que isso, dão importantes contribuições para que o ensino de filosofia continue no ensino médio de pé, fazendo o que faz de melhor, construindo liberdade e autonomia de pensamento através dos recursos da crítica.



REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 133 p. Orientações Curriculares para o Ensino Médio, v. 3, 2006.

BRASIL. **Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016**. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 1996.

CEPPAS, Filipe. Anotações sobre a história do ensino de filosofia no Brasil. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Filosofia: Ensino Médio**. Brasília, v. 14. p.171-184, 2010.

CESAR, Renata Paiva. **O ensino de Filosofia no Brasil**. n. 38, Revista Pandora Brasil, 2012.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia para uma Geração Consciente**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma prática para o ensino médio**. Campinas – SP: Papyrus, 2012.

GOMES, Luiz Roberto. Filosofia da Educação na Pedagogia: atualidade e necessidade do pensamento crítico. In:_____. BANNELL, Ralph Ings; et al. (Orgs.) **Filosofia da Educação: entre a formação de educadores e a qualificação profissional**. São Paulo: Cortez, 2017, p. 116-128.

GUIMARÃES, Marcelo Senna. O Ensino de Filosofia no Brasil: três gerações. In:_____. Brasília, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. CORNELLI, Gabrieli; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (Coord.).



Filosofia: Ensino Médio. v. 14, p. 13-44. SEB - Coleção Explorando o Ensino, 2010. 212 p.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro César. **A filosofia no Ensino Médio:** um desafio filosófico e pedagógico. In:_____. ALMEIDA, Cleide; PERISSÈ, Gabriel (Org.). NOTAMDUM LIBRO – 13, São Paulo/Porto: Cemoroc – FEUSP – Universidade do Porto, 2009.

MATTAR, Adriana Maamari; TOMAZETTI, Elisete M.; DANELON, Márcio. Filosofia como disciplina escolar. In:_____. CARVALHO, M.; CORNELLI, G. (Orgs.) **Ensinar filosofia:** volume 1. Cuiabá, MT: Central de Texto, p. 113-153, 2013.

MURCHO, Desidério. **A natureza da filosofia e o Ensino.** v. 27, n. 02, Revista Educação, 2002.

NASCIMENTO, Christian Lindberg Lopes do. Docência de Filosofia no Brasil e o projeto do Novo Ensino Médio(Lei 13.145): “impactos e caminhos possíveis”. In:_____. **I Ciclo de Debates do Fórum Maranhense em Defesa da Filosofia.** São Luís-MA: PGCULT – (UFMA), 2021. Disponível em: <https://youtu.be/GqiF3U2K7pA>
Acesso em: out, 2021.

NOBRE, Marcos; TERRA, Ricardo. **Ensinar Filosofia:** uma conversa sobre aprender a aprender. Campinas, SP: Papyrus Debates, 2007.

PEDRO, Waldir; PEREZ, Daniel Omar. Filosofia para transgredir. **Filosofia:** Ciência & Vida. São Paulo: ARAGUAIA, n. 73, p. 5-13, 2012.

PERENCIN, Tiago Brentam. **A formação do professor em Filosofia no Brasil:** restrição de pensamento e testemunho. v. 9 n. 2, Campinas, SP, jun./set. 2017 – ISSN 1984-9605 - p. 23-47.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula:** teoria e prática para o ensino médio. Campinas, SP: Autores associados, 2009.

RODRIGUES, Zita Ana Lago. **O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas.** Educar em Revista, p. 69-82, 2012.

VALÉRIO, Gilmar Alonso. **Porque ensinar filosofia no Ensino Médio?** Revista de ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama, v. 2 n. 2, 2010.

VIZZOTTO, Rozilene. **O desafio do ensino de filosofia com os jovens do Ensino Médio.** Revista Digital de Ensino de Filosofia, v. 5, n. 2 jan/jun, p. 100-110., 2019